

Preço avulso — 20 réis

GRANDE FOLHA

SEMANARIO

ILUSTRADO, LITTERARIO E THEATRAL

REDACTOR PRINCIPAL: Joaquim dos Anjos
SECRETARIO DA REDACÇÃO: Hogan Teves

PROPRIETARIOS: — Hogan Teves, Henrique Pereira e João Costa

Redacção e Administração — Largo do Conde Barão, 50, 2.º

ASSIGNATURAS

LISBOA — Série de 15 numeros... 300 rs.
FÓRA DE LISBOA — Série de 15 numeros 400 rs.

LISBOA

30 de junho de 1904

Editor: THOMAZ RODRIGUES MATHIAS

Composição e Impressão na Typographia d'«A EDITORA»
Largo do Conde Barão, 50

Individualidades Artísticas

Henrique Lopes de Mendonça

Tem de ter o esboceto d'esta illustre e sympathica figura as mesmas restrictas dimensões do seu medalhão, que melhor ficaria — melhor e de direito — insculpido no plyntho marmoreo de monumental columna.

A raça portugueza, a tèmpera rija do antigo lusitano, a quem as bellicosas lides e os ousados commettimentos não atrophiam a mente imaginosa, tem o seu prototypo no illustrado official de marinha e conspicuo escriptor Henrique Lopes de Mendonça, cujas multiplices aptidões intellectuaes, demonstradas no improbo labor da imprensa diaria, na rampa resvaladiça do Theatro, no vasto e assás emmaranhado campo da Historia e nas intrincadas tramas da urdidura do romance lhe permitem comtudo librar-se nas altas regiões da phantasia, até onde o estro inspirado sabe erguer-se, em adejos cantantes de cotovia ou vôos de aguia triumphal.

Do inglorio e ephemero trabalho jornalistico, que poucas vezes tem a utilidade de servir para tirocinio e adestramento litterario, não queremos agora occupar-nos, pela fastidiosa minucia a que nos levaria, envolvendo até o indulgente leitor.

Bastará, quanto a nós, pois que a sua vasta obra conserva-se rediviva na memoria dos contemporaneos, citar, por alto, uma das suas producções dramaticas, e teremos de admirar-o n'um elevado pedestal, erguido pelo consenso unanime de quantos a ouviram em vibrações de caloroso enthusiasmo.

Appareceu logo após uma composição desprerenciosa — um acto apenas — intitulada *A noiva*. E' d'este consorcio da Poesia com o Theatro que nasceu o grande drama historico *Duque de Vizeu*, que a Academia distinguiu, pela vez primeira, com o premio generosamente instituido por Sua

Majestade El-Rei D. Luiz I, desvelado protector das lettras, artes e sciencias, n'um concurso litterario em que se apresentaram os escriptores portuguezes de maior renome e reconhecido merito. E' uma obra duplamente laureada.

E passando em claro outras obras congeneres, citaremos ainda o *Affonso d'Albuquerque*, outrò drama historico em sonoros alexandrinos, em que a alma do



HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA

marinheiro se inflamma cantando os feitos heroicos do grande capitão, vulto enorme na historia das conquistas que nos engrandeceram e dilataram o imperio, e tão formidavel que faz sombra ao proprio Gama.

Esta bella composição dramatica ainda não foi, infelizmente, levada á scena, posto tivesse sido escripta para a celebração do centenario do descobrimento da India; e, muito embora tenha exigencias de guarda-roupa e scenario, tudo leva a crer que os motivos que obviaram á sua representação

n'aquelle periodo, foram os que o auctor aponta no prologo da respectiva edição: «malquerença evidente da commissão executiva; tibieza nebulosa da empresa do theatro de D. Maria II; indifferença desdenhosa das estações officiaes». E' assim, pois, que se animam as artes e estimula quem pode e quer e sabe trabalhar!

Mas prosigamos. O pulso forte do escriptor, a candencia da imaginação poetica, apparecem na mesma intensidade e fulguram com equal matiz nos cinco actos d'este monumental drama como na deliciosa comedia *O salto mortal*, que tem um acto só.

O verso terso, harmonioso, a prosa castiça, burilada, são characteristics de Lopes de Mendonça, e os dramas *A Estatua* (em cinco actos), *Joanna* (em quatro), e outras comedias, dão a medida do conhecimento que o auctor possui dos segredos do Theatro, desde Gil Vicente e Shakspeare até nossos dias.

Investigador profundo e paciente, de temperamento experimentado nas luctas de que tem sido tantas vezes espectador e outras tantas victima — as luctas dos grandes elementos e as luctas dos interesses mesquinhos — nunca esfriou, antes persiste tenaz nos seus labores, enriquecendo a litteratura patria com diversidade de producções, nas quaes se admira no mesmo grau o engenho, a arte, a ponderação criteriosa, a exacta observação dos factos, a clarividencia dos phenomenos da alma humana, e o conhecimento das leis sociaes.

E como se não bastasse ao illustre escriptor campo de tamanha vastidão para exercer as suas multiplices e singulares faculdades de trabalho — notavel tambem pela honestidade — acaba de mostrar-se sob um novo aspecto, escrevendo um livro para o curso de instrucção primaria, preparatorio, adoptado officialmente, e redigindo *O Gafanhoto*, um encanto de semanario-miniatura, que é a delicia das creanças.

Finalmente, ha poucas semanas ainda, no seio de uma douta aggremação, na Aca-

demia Real das Sciencias, uma nova prova da superioridade dos merecimentos de Henrique Lopes de Mendonça rebrilhou entre o estrugir dos applausos, quando, em assembléa geral, presidida por Sua Magestade, fez o elogio historico do saudoso e dilectissimo escriptor Manuel Pinheiro Chagas. E' outra modalidade das suas invejaveis faculdades, um circumstanciado e minucioso estudo critico de toda a obra, prodigiosamente vasta e variada, do inspirado poeta e elegantissimo prosador, que tambem foi orador eloquente, historiador, dramaturgo, jornalista e politico d'uma honradez e probidade exemplares; e, no alludido estudo, pode apreciar-se, em larga medida, a malleabilidade do estylo de Lopes de Mendonça, sempre rico mas sem refolhos, bem torneado mas sem rendilhados banaes, sonoro, crystallino e tão puro, que as idéas e as imagens transparecem n'uma nitidez diamantina. E', emfim, um classico moderno, que desmente o infundado asserto, de que seja mistér usar os arrebiques francezes para acompanhar a evolução litteraria operada nos ultimos tempos. Honra a nobre classe a que pertence; é uma legitima gloria nacional.

NAPOLEÃO TOSCANO.

MISCELLANEA THEATRAL

XXV

O desamor nacional aos requintes estheticos, a indiferença, em todas as classes, pelos estudos á cêrca dos problemas numerosos, attinentes ao palco scenico contrasta paradoxalmente com o evidenciado gosto do publico por espectaculos, seja de que ordem elles forem.

E' carissima a vida; todavia o povo frequenta theatros, theatrinhos, circos, praças de touros e a cada canto, ahi, por essa Lisboa e terras suburbanas levantam-se palcosinhos, em que a arte leva mais ou menos truculentos beliscões e piparotes! E com este phenomeno vem de pár a escassez de escriptos sobre materia de arte e historia dramaticas.

Nos ultimos mezes vimos apenas dois succintos artigos do esclarecido antigo critico Cunha Bellem sobre a valiosa producção scenica do laborioso e elegante escriptor Mendes Leal, umas rapidas e já mui notorias considerações sobre medidas de segurança contra incendios nas casas de representações e meia duzia de palavras interessantes, mas extremamente rapidas, fugazes, concernentes ás causas determinantes da loucura nos comediantes. E agora, um collega nosso nesta publicação, Santoyo, aventa uma questão que mereceria os mais attentos desvelos do jornalismo... mesmo de toda a gente, — se louvavelmente todos que se consagram á scena fizessem mais do que o, por vezes, desenxabido registro das repetidas entradas e saídas dos artistas nos diversos theatros e annunciarem beneficos.

Que haja esses annos do trivial e pequeno movimento não o impugnamos, mas que elles não saiem só deste modo a sêde de conhecer-se bem a complexidade dos themas e assumptos tão bellos e attrahentes, dignos de figurarem, em larga escala, nas columnas dos quotidianos mais amplos e de maior tiragem...

Não esmorecemos, comtudo, no intuito de despertarmos, pelo menos, a curiosidade para as soluções possiveis de cousas, que não são realmente charadas nem enygmas, mas elementos estruturales e organicos do vasto corpo theatral!

Quando eu, em 1875, por convite reiterado de Jayme Batalha Reis, escrevi na REVISTA OCCIDENTAL, collaborada por Eça de Queiroz (1), Sousa

(1) O subti e profundo escarpellista deu então á estampa o *Crime do Padre Amaro*, em que ha paginas que o incomparavel e tão grande Flaubert perfilharia.

Martins, Oliveira Martins, Anthero do Quental, Rodrigues de Freitas, Tubino, Canovas del Castillo, Pi y Margall, Labra, Picon, etc., etc., acalentava-me a esperança de que, definindo philosophicamente em 18 paginas as sciencias geographicas, nos mais elevados e modernos pontos de vista, a proposito do Congresso daquellas sciencias em Paris, contribuiria, pôsto que com parcella minima, para estimular o apreço e a applicação dos portuguezes a ramo de saber tão formoso, quanto prestante, sem, comtudo, me persuadir de que teriam innumerous leitores os periodos scientificos do professor e do escriptor entusiasta, que propugnava na magnifica publicação pelo levantamento da geographia, consoante na cadeira do collegio da Luz, e no lyceu como examinador, e nos periodicos com *Revistas Geographicas* luctava tenazmente, com fremente ardor, pelas sciencias da morphologia terrestre tão descuradas entre nós... nós, — um povo que, pelo seu maior varão, esculpira os LUSTADAS!

Todo o homem de letras ou de sciencia que não fôr impulsionado por um ideal, que se não persuadir de que é um propagandista, ainda que humilde, ou de um pensamento esthetic, ou scientifico, ou moral, será um escrevedor, mólha o papel com tinta, mas as paginas ou columnas que imprimir morrem, por carencia absoluta de actividade vital, protoplasmica.

E', porém, consolador e fortificante amparo para o obreiro do pensamento a certeza de que os teimosos esforços, quando bem norteados, alimentaram a corrente de certas idéas, com que evoluem as nações em todos os seus primordiaes elementos.

Por que enfêrma o theatro nacional?

Por que não é a critica dramatica o que poderia ser?

Por que não possui o actor a cultura adequada?

Entre outras causas, por não se haverem como que tacitamente colligado os órgãos da opinião, para levarem ao cabo essas cruzadas, que por isso mesmo deviam de ser dirigidas, alimentadas e aquecidas pela razão esclarecida do jornalista, e mantidas pelo calor da convicção de que se praticava obra meritoria erguendo a scena á altura em que, comparativamente, está em Portugal a sciencia.

Os homens que mais eficazmente poderiam triumphar nesse campo não os toca a fé, que perfura montanhas, transpõe mares e cria mundos, vencendo obstaculos temerosissimos.

A tarefa, no nosso caso, era bem mais exequivel.

Todas as grandiosas reformas theatraes deviam emanar da imprensa...

Alfredo Oscar May.

Actriz Virginia

Não costumamos fazer transcripções; mas hoje, excepcionalmente, vamos transcrever do nosso illustre collega *O Jornal da Noite* o artigo seguinte, no qual *Rabecão*, pseudonymo que occulta o nome de um dos nossos mais distinctos collegas d'aquelle jornal, faz o perfil da grande actriz portugueza Virginia Dias da Silva.

Virginia

Se houvesse nascido em França ou na Italia, a sua reputação, a estas horas, seria universal. Mas, nasceu aqui, n'este abençoado torrão, onde os artistas mal ganham para comer e onde o renome por terra, não passa além dos Pyreneus, e do lado do mar, quando muito, acha echo no Brasil.

Virginia foi carinhosa e dedicadamente applaudida quando esteve ha annos nas terras de Santa Cruz, como foi e continúa a ser entre nós, em Portugal, onde existe uma especie de culto pelo seu talento.

A sua força, o seu prestigio, o predomínio sobre o publico, provém principalmente da sua voz.

É vivamente lucida a sua intelligencia, sympathica, a sua *allure* elegante, o seu andar, aliás muito especial, e caracteristico, ligeiramente baloçado com a cabeça, — a sua formosa cabeça — pendida um pouco para um hombro direito, — um sorriso a illuminar-lhe de alegria suave e de sentimento melancolico a expressiva e insinuante physionomia, um ar de bondade, de doçura e de des-

pretenção que se revela dos seus cabellos em desalinho, do seu olhar calmo, do seu todo em summa, que exhibe a prudencia, a sisudez, a graça, e a ternura!

E' o typo da mulher, não que ella possue de agradável, de attrahente, de carinhoso!

Tudo isto bastaria, é certo, para fazer d'essa prestigiosa senhora uma actriz de raro valor.

A sua voz, porém, excede, ou por outra, occulta, e faz desaparecer esse tão raro conjuncto de qualidades, para só a *ouvirmos* quando a *vemos* no palco.

E' com essa voz tão rica em vibrações de ternura e de affecto, é com essa voz tão volumosa e tão tenue, é com essa voz tão unica, tão difficil de descrever, mas tão attrahente, que a Virginia tem dominado, empolgado e enternecido, durante trinta annos, todo o publico que a escuta.

Virginia é a *virtuose* da declamação.

*

Virginia não possui a figura energia, o aspecto magestoso e heroico de Emilia das Neves, nem o ar mundano, o sorriso caustico e o olhar malicioso de Lucinda Simões. Mas entre estas duas gloriosas artistas, uma que representa o classico theatro grego, a outra, o moderno theatro dissolvente, Virginia, tão grande como Emilia das Neves, tão illustre como Lucinda, é a personificação do theatro sentimental que tanto vae com o nosso caracter e com o nosso sentir. Virginia é por isso mesmo a actriz mais nossa, mais do nosso temperamento, a que mais nos fala ao coração, ao nosso modo de vêr, de sentir e de viver!

A Emilia, a linda Emilia, recordava a arte grega, a Lucinda, a graciosa Lucinda, lembra-nos a França, a França dissolvente, que verte as suas lagrimas para dentro das taças onde espuma o champagne. A Virginia, essa é portugueza dos quatro costados. Um pouco burguezinha, como todos nós, com todos os nossos defeitos, é certo, mas com todas as nossas qualidades, com o coração na bocca, com a energia na dedicacção, com a simplicidade no heroismo, com o pudor nas faces pelo *bem* que acabou de praticar!

Terá menos arrebiques e menos coquettismo a mulher portugueza do que a franceza, de accordo — mas tudo é relativo e nós tambem não possuímos, o *esprit*, o *entrain*, a *verve* dos parisienses.

A Virginia é uma actriz nossa, Virginia é a personificação da arte dramatica portugueza!

*

As lagrimas que ella tem feito chorar por este Portugal fóra, devidamente encanadas, engrossariam sem duvida alguma, o nosso Tejo,

Ha trinta annos que não faz outra coisa.

Logo do seu baptismo veio predestinada para fazer vibrar o sentimento das multidões. Chama-se Virginia como Virginia se chama a heroína d'essa vulgarisada e sentimental novella que narra os amores, os soffrimentos, essa epopêa de dois corações, o poema da desventura de Paulo e de Virginia!

Li o romance ha já annos, e pouco me lembro d'elle. Quando vejo a Virginia recordo-me porém, da heroína; agora do Paulo... poucos Paulos conheço... e esses, não se parecem com o apaixonado mancebo; nem o meu amigo Paulo Plantier, que cultivava aquellas formosas rosas, na sua quinta da Outra Banda, nem S. Paulo, que tanto pugnou pela propagação dos preceitos e doutrina christã!

*

Virginia é a unica actriz portugueza condecorada com o habito de S. Thiago.

RABECÃO.



Faz hoje precisamente 111 annos que com a opera *La ballerina Amante*, de Cimarosa, se inaugurou o theatro de S. Carlos.

Este theatro foi mandado construir por um grupo de negociantes e capitalistas, tendo á sua frente Joaquim Pedro Quintella que cedeu o terreno para a sua edificacção, com a condição de ter a propriedade para si e seus descendentes de um grande camarote de primeira ordem, junto ao proscenio,

com varias salas dependentes e entrada particular para a rua. Este grande camarote, que por morte do conde de Farrobo se vendeu em hasta publica, foi comprado por el-rei D. Fernando.

O riseo do theatro de S. Carlos foi do architecto José da Costa e Silva e é a copia do theatro de S. Carlos de Napoles. As obras começaram a 8 de dezembro de 1792 e concluíram-se dentro de seis mezes! Com o seu fino gosto e vontade de ferro, muito auxiliou a rapida construcção do soberbo edificio o intendente Pina Manique.

Em 1854, indemnizou o governo os herdeiros dos edificadores com a quantia de cincoenta contos de réis nominaes em inscripções e ficou o edificio pertencendo ao Estado.

A primeira empreza que tomou conta do theatro e o inaugurou foi de Francisco Antonio Lodi, associado com André Lenzi, passando depois para os emprezarios associados Crescentini e Caporalini, dois cantores que tiveram grande reputação no mundo lyrico.

Estes dois artistas, como muitos outros embora de menor importancia, desempenhavam os papeis de mulheres, porque n'aquelle tempo era expressamente prohibido que as mulheres representassem ou cantassem nos theatros! Recorria-se então aos sopranistas, ou homens que haviam supprimido os órgãos sexuaes para impedir o desenvolvimento da larynge e implicitamente o engrossamento da voz.

Os sopranistas chegaram a ser uma industria no mundo inteiro, pois eram ouvidos nas primeiras scenas lyricas com grande entusiasmo e admiração.

Crescentini chegou a ter tal prestigio entre os *dilettanti* portuguezes, que sustentou grandes e prolongadas luctas partidarias com a celebre cantora Catalani!

Artistas para o Brasil

Seguiu ante-hontem para o Pará, a bordo do vapor *Augustini*, a companhia dramatica portugueza organizada e dirigida pelo empresario Juca de Carvalho, e da qual fazem parte Lucinda Simões, Adelaide Coutinho, Amelia Pereira, Isabel Bernardi, Sophia Santos, Thereza Martins, Amalia Silva, Christiano de Souza, Telmo Larcher, Setta da Silva, Chaby Pinheiro, Eduardo Vieira, Antonio de Souza, Francisco Salles, José de Almeida, Francisco Mendonça e Nascimento Correia.

No Caes das Columnas, á hora do embarque, juntaram-se muitas pessoas amigas e admiradoras dos artistas que partiam, para lhes fazerem as suas despedidas.

Entre essas pessoas estavam as actrizes Lucilia Simões, Barbara Volkart, Gabriella Lucey, Jesuina Saraiva, Georgina Vieira, Judith Correia, actores Eduardo Brazão, João e Augusto Rosa, Pinto de Campos, Conde e os srs. visconde S. Luiz Braga, dr. Cunha e Costa, Silva Lisboa, Leopoldo de Carvalho, Antonio Manuel, Machado Correia, Avellar Pereira, A. Sanches, Augusto Martins, Pedro Pinto, Augusto Pina, Hogan Teves, etc.

A redacção d'*O Grande Elias* faz votos pelas felicidades dos artistas que partiram e d'aqui lhes envia as suas saudações.



MOVIMENTO THEATRAL

E' amanhã que sobe pela primeira vez á scena, em *reprise*, no theatro da Trindade, a peça phantastica de grande espectáculo **O espelho da verdade**, que foi assim distribuida:

Daniel Dionisio, Gomes; *O erro*, F. Costa; *Marco Affonso*, Queiroz; *Ali-Palapuf*, Santinhos; *D. Gregorio*, Conde; *Bonifacio*, A. Cruz; *A verdade*, Georgina Cardoso; *Margarida*, Thereza Mattos; *Ambrosia*, Amelia Barros; *Marqueza*, Estephania; *D. Ursula*, Rosa.

Da intelligente actriz Adelaide Coutinho recebemos um amavel cartão de visita em que nos faz as suas despedidas.

No theatro D. Amelia, serão representados, na proxima época, dois originaes portuguezes dos srs. Eduardo Schwalbach e Julio Dantas.

Está actualmente na Madeira a companhia dramatica do actor Ernesto do Valle.

A revista do anno que o sr. Camara Lima está escrevendo, e que tenciona pôr em scena na proxima época, intitula se **Meia tijela**.

Uma das peças estrangeiras que será representada no proximo inverno, no theatro D. Amelia, é a **Clairière**, de Maurice Donnay e Lucien Descaves.

Parte em meados de julho para as provincias, onde vae dar uma série de espectaculos, uma *troupe* composta dos seguintes artistas: Augusto Mello, Ricardo Salgado, Alves da Silva, Joaquim Costa, Cardoso Galvão, Leopoldo Duarte, Gentil de Carvalho, Maria Pia, Adelina Nobre e Georgina Vieira.

A companhia dramatica de que fazem parte Lucinda Simões e Christiano de Souza estreiar-se-ha em Manãos com o **Demi Monde**. Os outros espectaculos constarão das seguintes peças: **Monsieur Alphonse**, **Blanchette**, **Heroe do dia**, **Zázá**, **Hotel do livre cambio**, **Madame Sans-Geñe** e **Parisiense**.

Da gentil cantora Maria Vinent recebemos um amavel cartão em que nos faz as suas despedidas.

Os actores João e Augusto Rosa partem no proximo dia 5 para Cauterets.

No dia 1 do proximo mez de julho passa o anniversario natalicio do estimado actor Pedro Cabral, que desde o principio de junho tomou a direcção scenica do theatro da Trindade.

Pela empreza do theatro D. Amelia foi confiada a traducção do drama **El abuelo**, do auctor

da **Electra**, Perez Galdós, ao nosso presado amigo, collaborador e collega do *Diario de Noticias*, sr. Eduardo de Noronha.

El abuelo será uma das peças novas que subirá á scena n'este theatro, na proxima época.

Uma das peças novas que na proxima época será tambem representada no theatro D. Amelia é **La peur**, que ultimamente fez grande successo em Paris.

Desligou-se do theatro Recreio Dramatico, do Rio de Janeiro, a nossa conhecida actriz Cinira Polonio.

Correu muito animada a recita organizada no ultimo domingo pelos actores Ricardo Salgado e Eduardo Fernandes, no theatro Avenida.

Alli ouvimos Oscar da Silva, Nicolino Milano, Corbiniano Villaça e a intelligente actriz Mercedes Blasco, que nos deliciou com as suas canções francezas.

Todos foram muito applaudidos.

Os papeis da operetta intitulada **Cantores de operetta**, original do sr. A. Soller, em ensaios no theatro *Chalet Trindade*, da feira de Alcantara, foram assim distribuidos:

Raposo Pombo, gajo em musica com poucos, Carreira; *Candido Pombo*, bom rapaz, sobrinho de seu tio, que é o de cima, um bolinho de amor de alto lá com elle, Pinto Ramos; *Manuel Esquelha*, saloio estúpido como quasi todos, Rebocho; *Florinda*, engomnadeira e actriz nas horas vagas, Isabel Costa.

E' no proximo sabbado que no theatro Chalet, da feira de Alcantara se realisa uma recita especial com a applaudida revista **Os tymbales do diabo**, ampliada com um novo quadro que tem por titulo *Em casa do Zé*.

O publico tem protestado ultimamente contra os grandes e successivos côrtes que se teem feito na referida revista, chegando a desaparecer scenas quasi inteiras.

Não nos parece boa orientação esta fórmula de proceder, e oxalá a empreza não venha a arrepende-se por consentir em tal.

O **Circo Mejsstrik** continúa a ser o ponto de reunião da sociedade elegante que vae á feira de Alcantara. Por isso as enchentes alli se succedem, e os applausos dispensados a todos os artistas são geraes.



Club Recreativo

Da direcção d'este club recebemos um aviso, communicando-nos que a sua séde passa a ser, de 1 de julho em diante, na rua da Arrabida, n.º 106 e 110. Brevemente se realisar a recita de inauguração, cujo espectáculo já está em ensaios.

9

Folhetim d'O GRANDE ELIAS

ANDRÉ DEL SARTO

Drama em dois actos, de Alfredo de Musset

ANDRÉ

D'aqui a uma hora!... (*A'parte*). E' singular!... E aqui sabia-se que eu devia ir á quinta e estar lá talvez todo o dia... Queriam então aproveitar-se da minha ausencia... Deus justo! (*Alto*). Não ouviste mais nada?

GREMIO

Não, que eu saiba... Ah! esquecia-me... ouvi mais: «Venha pela porta do jardim...»

ANDRÉ

Pela porta...

GREMIO

Do jardim... mas não creio que quizessem falar

d'esta; é talvez outra, segundo supponho, a porta pequena que dá para as trazeiras da casa.

ANDRÉ

Ouve, Gremio; vae dizer ao Mathurino que traga os cavallos e que nós sahiremos mais tarde; depois irás para essa porta pequena e ficarás ahí, mas bem occulto, entendes? Leva uma espada, e se, por acaso, alguém quizer... comprehendes-me... chama em voz alta, não te deixes intimidar, que eu lá estarei; seja quem fôr, segura-o bem.

GREMIO

Seja quem fôr? Podia ser...

ANDRÉ

Seja quem fôr. Eu podia ir para lá, mas é preciso que julguem que sahi. Tambem podia encarregar d'isso outras pessoas, mas parece-me que sei o que é... E' de pouca importancia, vês tu? uma bagatella!... alguma brincadeira!... E não lhe viste a cara?

GREMIO

Estava mascarado.

ANDRÉ

Hei de falar n'isso ao Cordiani... Então está

combinado, Gremio... já te disse que não tenhas medo; é uma pura bagatella; fizeste muito bem em m'o dizer... Não queria que outra pessoa o soubesse, e é por isso que te encarrego... Viste como vinha vestido?

GREMIO

Trazia uma capa; desapareceu tão depressa... e depois a ferida do estylete...

ANDRÉ

Não lhe conheceste a voz?

GREMIO

Talvez, não sei; foi tudo tão rapido...

ANDRÉ

E' incrível! Vamos, faze o que te disse... tenho de falar n'isto ao Cordiani... Tens a certeza da janella?

GREMIO

Tenho.

ANDRÉ

Sim devo falar ao Cordiani e depois ao Damiano. Dize que sahi sósinho, não te esqueças. Vae, meu amigo. E' realmente singular. (*Sae*.)

(*Continúa*.)

Tauromachia

Praça do Campo Pequeno

10.^a corrida

Com uma boa entrada, uns tres quartos de praça, realisou-se alli, no ultimo domingo, o beneficio do bandarilheiro Manuel dos Santos.

Lidaram-se touros de Luiz da Gama, que eram deseguaes em corpos, e em lide deixaram tambem um tanto a desejar. O melhor foi o 1.^o, que era bravo, podendo até classificar-se como um bom touro, e cumpriram sem exceder o 2.^o, 5.^o, 8.^o e 9.^o, mas d'estes quatro, exceptuando o ultimo, eram uns verdadeiros garraios.

Na lide montada, a cargo de José Bento, Simões Serra e do novel cavalleiro morgado de Covas, sobresahiu José Bento, toureando o primeiro com valentia e variando a lide, pelo que obteve muitas e justas palmas. No 9.^o já não nos agradou tanto.

Simões Serra, nem no 4.^o nem no 9.^o, ou seja outra má tarde. Um dia deve ter fim.

O morgado de Covas não teve ensejo de se evi-denciar. Entretanto, se se chegasse mais um pou-cochinho, tendo o cuidado de medir bem os terrenos, o resultado seria outro e muito mais satisfactorio do que foi.

Manuel dos Santos, o beneficiado, com as bandarilhas teve uma tarde bastante incerta. Tou-reou a sós o 5.^o e o 8.^o, dois bichos dos mais pequenos que vinham no curro, e talvez por isso o seu trabalho no 5.^o peccou pelo nenhum valor, e no 8.^o, afóra dois pares a *cuarteo*, regulares, e o ultimo na mesma sorte, que foi bom, o restante nenhum merito teve tambem.

Do *trasteo* de muleta que exhibiu, o melhor é não falarmos, pois temos visto aquelle artista n'ou-tras tardes fazer mais e melhor. Mas aquillo não foi nada, positivamente nada, e com aquellas suas posições pouco naturaes deu occasião ao riso, o que muito bem podia ter evitado.

Desejamos que os nossos progridam, e não temos sido dos que mais se teem insurgido por que cada um procure aperfeiçoar-se até mesmo na primeira praça do paiz, mas ao menos faça-se a diligencia por não esquecer o respeito pelo publico que o admira, para se não cahir no ridiculo.

Não se póde nem deve exigir prodigios e impos-siveis a quem começa e tem desejos de avançar, mas ao menos que o artista compense as deficiencias do trabalho com um certo cunho de seriedade na sua execução.

Thomaz da Rocha, sempre o mesmo toureiro fino, elegante e valente. No 3.^o teve um par superior, que lhe valeu uma ovação.

Cadete, um par bom no 10.^o

Ribeiro Thomé, que tomou a *alternativa* n'esta tarde, não foi dos que fez peor figura, pois, de permeio com o que teve de mau, deixou dois par-zinhos bastante acceitaveis e que lhe valeram pal-mas sem favor.

Thadeu e Estudante não tiveram ensejo de se salientarem.

Agora, o *espada* da tarde, e que propositada-mente deixámos para o fim.

Castor Ibarra, *Cocherito de Bilbao*, novo n'esta praça, é um artista valente e trabalhador, e já por essas duas bellas qualidades que revelou para o toureiro, já pela modestia como se apresentou, conseguiu por completo captar as sympathias do publico de Lisboa, que não lhe regateou applausos toda a tarde.

E', innegavelmente, toureiro que vale e que se

impõe pela boa vontade, conhecimentos e modes-tia, demonstrando bem saber o que faz, como se viu pelo seu incessante trabalho n'esta tarde e pela fórma como cooperou na corrida, em que se salientou sempre na bréga e nos *quites* aos caval-leiros. Fez só n'uma tarde, o que muitos artistas de renome não conseguem ás vezes n'uma tempo-rada inteira.

Com as bandarilhas e com a muleta, não conse-guiu tanto, mas talvez por motivo dos maus touros que lhe competiram. Ainda assim, com a flamula tirou alguns passes que foram entusiasticamente applaudidos, parando muito e arrimando-se a valer.

No 8.^o, ao ser colhido Manuel dos Santos, rabe-jou o animal com muita valentia, obtendo então de todo o publico, já no auge do entusiasmo, uma d'essas ovações que não se fazem sempre, accenando-lhe, de pé, com lenços, o que produzia um effeito phantastico.

Não podemos louvar Manuel dos Santos, em não-ter satisfeito a vontade de um publico inteiro, que lhe pedia para ceder o tourito ao espada, para passar de muleta, visto o desejo que tinha de vêr o novo artista trabalhar n'um animal mais nobre. Pois tinha feito bem, por todos os motivos, creia, se tivesse accedido.

Bibliographia

Os dois Jucas e Má peça, comedias em um acto, originaes do sr. dr. José Piza. — Do distincto escriptor brasileiro, sr. dr. José Piza, recebemos e muito agradecemos a offerta d'estas duas comedias. Vamos lel-as com toda a attenção, e d'ellas daremos mais desenvolvida noticia.

O GRANDE ELIAS

Um volume, luxuosamente encadernado em percalina, com títulos a ouro, contendo as duas primeiras séries d'este semanario

PREÇO 1\$000 RÉIS

Está ja á venda em todas as livrarias

Retratos contidos no volume

Taborda, Virginia, Furtado Coelho, João Rosa, Rosa Damasceno, Eduardo Brazão, Barbara Volckart, Antonio Pedro, Augusto Rosa, Cesar Porto, dr. Manuel da Silva Gayo, Pedroso Rodrigues, Angela Pinto, Ferreira da Silva, Lucinda Simões, Valle, Adelina Abranches, Queiroz, Palmyra Bastos, Lucilia Simões, Visconde de S. Luiz Braga, Thereza Mattos, Joaquim de Almeida, Eduardo Schwalbach, Beatriz Rente, actor Simões, Marcellino Franco, Delfina Victor, actor Cardoso, José Carlos dos Santos, Adelaide Coutinho, Augusto Cesar de Almeida, Emilia das Neves, actor Mattos, Maria Falcão, João Gil, Silva Pereira, Amelia Pereira, João Anastacio Rosa e Francisco Costa.

FABRICA NACIONAL PAPEIS PINTADOS

DE DE DIAS TEIXEIRA & C.^a

Papeis pintados para forrar casas, papeis mates (cou-chés) e lustro, etc., para Lithographia, Typographia, Photogravura, Encadernação, Cartonagens, etc.

Depositos para venda a retalho: José Narciso d'Aguiar & C.^a (F.^{ca}), 13, Avenida da Liberdade, 17; José Miguel dos Santos em C.^{ia}, 102, Rua Nova do Almada, 104.

DEPOSITO GERAL E ESCRITORIO

25. RUA DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, 27 — LISBOA

FABRICA NACIONAL

DE

Tintas typo-lithographicas

CANDIDO AUGUSTO DA COSTA

DEPOSITO

Rua Ivens, 70 — LISBOA

Nestlé

Farinha Lactea

Novidades litterarias

Atlas de Geographia Universal, descriptivo e illustrado; 160 pag., 40 mappaes, 300 grav., 1 vol. encad. 6\$700 réis; fasciculo, 150 réis.

Atlas de Portugal e colonias, descriptivo e illustrado (em publicação); chorographia physica, politica, estatistica e economica. Fasciculo, 150 réis.

Vida e aventuras de Robinson Crusoe, por Daniel de Foë. Luxuosa edição completa e illustrada, 1 volume broch. 2\$000 réis; enc. 2\$800 réis; tomo 250 réis.

Prospectos e specimens gratis. Empreza editora, rua da Boa Vista, 62, 2.^o, Lisboa, e nas principaes livrarias.

Para alugar

5 numeros, 1\$500 réis

Lanternas

Para illuminação de estabelecimentos. — 2\$000 réis por mez, incluindo gaz, manga, lanterna e consola.

Pedidos á

SOCIÉTÉ ANONYME D'ECLAIRAGE INTENSIF

Rua do Crucifixo, 116 — Lisboa